

A POPULAÇÃO NATIVA DA AMÉRICA DO SUL*

Julian H. Steward**

A densidade por unidade de área da população é uma medida aproximada do sucesso das atividades de subsistência na área e, até certo ponto, é correlacionada ao desenvolvimento cultural. Porém, ela não fornece esclarecimentos suficientes sobre problemas culturais, porque mera densidade mostra as populações apenas em um sentido médio ou estatístico, como se fossem esparramadas igualmente pela região. De fato, grandes áreas foram temporária e permanentemente não povoadas, enquanto as pessoas se juntavam em bandos ou em comunidades. Na verdade, é o tamanho, a composição e a permanência dessas comunidades que proporcionam o pano de fundo dos padrões sócio-políticos e do comportamento cultural. [Nesse artigo] a primeira seção fornecerá as densidades populacionais; a seção subsequente relacionará a composição da colônia aos tipos sócio-políticos através de dados sobre o tamanho da comunidade.

Problemas metodológicos

As dificuldades metodológicas, inerentes aos estudos da população americana nativa, são evidentes diante das discrepâncias existentes entre os resultados de cientistas confiáveis. Números totais para o hemisfério variam de 8.400.000 de Kroeber (1939) (um número menor daquele de Ricketson (1937) que chega a 13.000.000 apenas para Yucatán) até os 40.000.000-50.000.000 de Rivet (1924) e

Sapper (1924) e os 50.000.000-75.000.000 de Spinden (1928). Os totais da América do Sul variam de 4.300.000 de Kroeber aos 25.000.000 de Rivet. Means (1931) calcula entre 16.000.000 a 32.000.000 apenas para os Andes. A tabela 1 mostra a decomposição destas estimativas. É óbvio que ou os dados ou os métodos são falhos.

Os estudos populacionais anteriores analisaram principalmente a América do Norte e a América Central. Todas as estimativas da América do Sul, exceto aquelas de Rosenblat (1945), que cuidadosamente investigou fontes originais e algumas estimativas de áreas limitadas, são feitas por analogia com a América do Norte ou da América Central, ou simplesmente por suposição.

Rosenblat calcula a partir da população moderna em 1940, e retrocede para 1825, 1650, 1570 e 1492. Ele aceita as estimativas contemporâneas de cada período; todavia, 1570 gerou dados sobre apenas poucas áreas, e 1492 é estimada por uma extensão hipotética da curva populacional. Seu método mostra detalhadamente apenas o Haiti e Santo Domingo.

Rivet (1924: 599-602) afirma que, na América do Norte, o número de aborígenes foi reduzido de 1.148.000 para um terço da presente população de 403.000. Supondo uma redução idêntica pelo hemisfério, ele multiplica a presente população por 3 para calcular a figura dos nativos, sem levar em consideração as diferenças locais.

Sapper (1924), um geógrafo, baseia seus cálculos na presumível produtividade de tipos diferentes no uso da terra: nas áreas de caça, pesca e coleta, a população é esparsa; nas áreas de cultivo, especialmente nas planícies quentes do México, América Central e América do Sul, a população é densa. Por exemplo, considera-se que a Guatemala moderna e a Guatemala no tempo dos aborígenes tenham tido aproximadamente a mesma população, porque os vários modos agrícolas são semelhantes.

As estimativas de Kroeber para a América do Norte são principalmente baseadas nos

(*) Tradução e revisão técnica: Profs. Thomas Bonnici e Francisco S. Noelli, Universidade Estadual de Maringá.

(**) Originalmente publicado In: Julian H. Steward (Ed.) *Handbook of South American Indians*, v. 5. The Comparative Ethnology of South American Indians. Washington: Smithsonian Institution/Bureau of American Ethnology, Bulletin 143, 1949: 655-668.

TABELA 1**Estimativas das Populações Nativas Americanas**

Estimativa Populacional conforme ¹				
Área	Sapper (1924)	Rosenblat (1945)	Kroeber (1939:131-181)	Steward ²
Norte do México	2.000.000 – 3.500.000	1.000.000	1.000.880	1.000.880
México	12.000.000 – 15.000.000	4.500.000	3.000.000	4.500.000
Índias Ocidentais	3.000.000 – 4.000.000	300.000	200.000	225.000
América Central	5.000.000 – 6.000.000	8.000.000	– ³	736.000
Total	20.000.000 – 25.000.000	5.600.000	–	5.461.880
América do Sul				
Andes ⁴	12.000.000 – 15.000.000	4.750.000	3.000.000	6.131.000
Restante da América do Sul	3.000.000 – 5.000.000	2.035.000	3.334.000	2.898.000
Total	15.000.000 – 20.000.000	6.785.000	4.300.000	9.129.000
Total para o Hemisfério	37.000.000 – 48.500.000	13.385.000	8.400.000	15.590.880

(1) Todas são para aproximadamente 1492.

(2) A estimativa para a América do Norte segue Kroeber (1939); México é de Rosenblat (1945); outras estimativas serão dadas em detalhe abaixo. Uma estimativa preliminar foi dada por Steward (1945).

(3) América Central é incluída na América do Sul.

(4) Da Colômbia ao Chile.

cálculos de Mooney; para outras áreas foram feitas através de uma comparação com a América do Norte, levando em consideração as áreas culturais e naturais. Kroeber supõe que: 1) a maioria das estimativas contemporâneas, feitas especialmente pelos primeiros administradores e missionários espanhóis, eram muito altas; 2) o etnólogo competente poderia corrigir tais estimativas no caso de uma área bem conhecida; 3) as populações modernas dão alguma indicação das populações nativas, mas a taxa de crescimento não é a mesma em todos os lugares; 4) uma ecologia rica geralmente significa uma maior densidade de nativos, mas fatores como ferramenta de ferro e solos friáveis devem ser levados em consideração quando se comparam as densidades moderna e nativa; 5) uma rica cultura é normalmente indício de uma alta densidade.

Dados sobre a demografia na América do Sul mostram que as estimativas feitas por qualquer método apenas se aproximam da exatidão, e a margem de erro sempre será muito grande, talvez até cinquenta por cento. As estimativas contemporâneas para os primeiros

períodos foram dadas principalmente por soldados e missionários e, às vezes, por administradores. A suspeita de Kroeber sobre tais cálculos é justificável no caso de soldados que, com certeza, exageraram no número de seus inimigos. As estimativas missionárias de tribos independentes tendem ao exagero. A contagem cuidadosa de índios nas estações missionárias parece ser confiável e freqüentemente é a nossa única fonte; esses cálculos não enumeram os índios isolados; e existe a tendência de colocar juntos os índios de tribos diferentes. O valor das estimativas dos administradores varia: nos Andes centrais parece que foram baseadas em cálculos cuidadosos de censos, mas a taxa de pagadores de tributo para a população inteira variava de 5 a 1 para 2 a 21 (Rosenblat 1945).

Referente à floresta tropical e às áreas do Caribe temos muito poucas estimativas contemporâneas. Os primeiros números podem variar entre cinquenta a duzentos anos após a tribo ter sido inicialmente contada pelos brancos; doenças, guerras, escravidão, assimilação cultural racial e outros fatores já

havia reduzido a população pela metade ou mais e, em alguns casos, o fizeram completamente. Os Omáguas foram reduzidos de 15.000 a 7.000 entre 1641 e 1681, e os índios de Hispaniola foram quase extintos no curto período de uma geração.

A população moderna índia é um índice não-confiável da população aborígine. Isto acontece não apenas porque cada área tem uma curva populacional distinta, mas porque os censos modernos têm encontrado grandes dificuldades em contar índios em áreas remotas. Ademais, há na América Hispânica uma tendência para classificar os índios mais na base cultural do que racial. Um índio é considerado uma pessoa que vive como índio, especialmente aquele que fala a língua indígena; quando adquire suficientemente a cultura européia, ele passa para a categoria de mestiço, crioulo, ladino ou caboclo, como os índios parcialmente assimilados são chamados, embora racialmente ele seja completa ou majoritariamente índio. O método de projetar a curva populacional do presente ao passado, ou seja, para tempos aborígenes, poderia ser válido apenas se a curva tivesse sido inicialmente estabelecida em estimativas confiáveis em todos os períodos. Mesmo assim, sua aplicabilidade a outras tribos para os quais foi construída, é um ponto questionável, porque muitos fatores são envolvidos: se os índios continuaram nas missões; efeitos de doença; fatores especiais de sua cultura, ambiente e contato com o branco. Portanto, enquanto os Omáguas foram reduzidos à metade em 40 anos, no século 17, seus vizinhos, os Kokámas mantiveram os números nativos quase até hoje.

O método presente utiliza os dados mais antigos que parecem ser confiáveis – em alguns casos, os relatórios de missionários e administradores, em outros, os relatos de viajantes – e estende a densidade calculada para uma tribo específica a outras que possuíam culturas semelhantes e moravam em áreas semelhantes. Como as tribos parecem ter declinado, em termos gerais, ao tempo que as estimativas eram feitas, as densidades calculadas, embora admita-se certo exagero, provavelmente tendem a ser menores do que maiores.

Densidades nativas

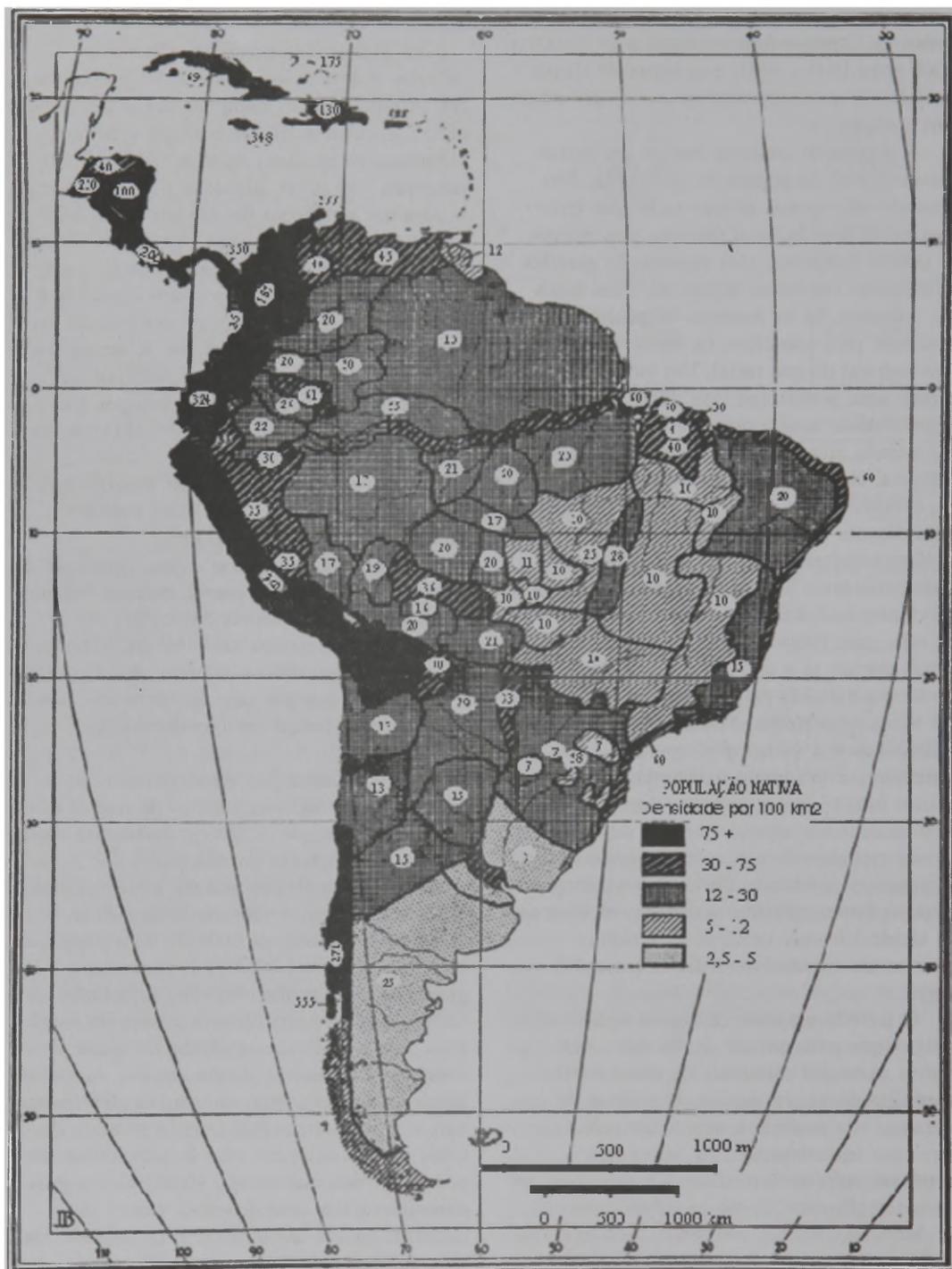
As estimativas presentes são meros cálculos e devem ser consideradas preliminares. Algumas áreas, completamente desconhecidas, são estimadas por analogia com áreas vizinhas para as quais existem amostras razoáveis. Em geral, isto dá um quadro coerente para que a margem de erro em certas áreas provavelmente não seja mais de que 10% ou 20%. Em algumas áreas o erro pode chegar a 100%; todavia, diminuindo o erro a tanto já é uma façanha considerável, se são levadas em conta as estimativas anteriores. A necessidade óbvia é a utilização plena da fonte material numa contagem tribo a tribo e área por área, igual àquela de Kubler (1946: 334-341) e Rowe (1946: 184) para os Andes.

O Mapa 1 segue o mapa de Kroeber para a América do Norte (Kroeber 1939) e mostra o número de pessoas por 100 km².

As estimativas para as tribos Marginais do sul são provavelmente exatas, embora fossem feitas muitos anos depois do contato. Se fossem erradas, seriam muito baixas. Estimativas mais antigas dão os números dos Guarani e dos Chaco, que parecem ser razoáveis, mas os Abipón poderiam ter uma densidade 5, revista para 15.

As densidades dos Araucano e as de Chilotán, estas últimos maiores do que as dos Andes centrais, são surpreendentemente altas. Mesmo uma redução da estimativa dos Araucano à metade deixaria um número acima das densidades das tribos vizinhas; mas os Araucano modernos são 300.000. Se a população nativa araucana de 1.000.000 não é um erro grande (veja Rosenblat 1945: 77-78), o Chile Central durante a agricultura indígena era muito mais produtivo do que se admitia até agora. Em contraste, os números de atacameños, baseados numa amostra pequena, são surpreendentemente baixos. Poucas áreas dos desertos ao norte do Chile são habitadas e o total de atacameños não poderia ter sido mais do que 40.000. Os Diaguita deveriam ter tido uma densidade entre 13, calculada para os atacameños, e 15, estabelecida para os Comechingón.

As tribos Marginais das planícies do Brasil oriental são em grande parte desconhecidas. A densidade média de 10 por 100 km²,



Mapa 1

baseada em várias amostras da área do alto Xingu-Tapajós, estende-se às tribos Jê. A densidade maior de 15 para os Botocudo e seus vizinhos na costa brasileira é uma revisão para cima das várias amostras recentes desses povos. Por contraste, julgando-se pelos números dos Tupinambá, os Tupi da costa tinham uma densidade nativa de 60.

Para as tribos da floresta tropical da bacia da Amazônia, algumas amostras independentes consistentemente variam entre 17 e 25. Há algumas áreas na floresta tropical que não seguem o padrão geral. O território sul do alto rio Guaporé na Bolívia oriental tinha 36 pessoas por km², o que parece um número relativamente bom. A não ser que estes números sejam muito altos, a densidade de 20 dos Yunga poderia ser muito baixa. Parece que os Yunga têm um número muito baixo quando comparado com aquele das montanhas ao norte; possivelmente a população dos Yunga, que manteve contato com os brancos quase desde o início, ficou reduzida à metade quando as estimativas foram feitas. O número da Montaña é muito alto em comparação ao das terras baixas da Amazônia. A não ser que os missionários tenham errado numa maneira muito consistente nas várias estimativas independentes sobre a Montaña, pode-se suspeitar que algumas estimativas das terras baixas, geralmente posteriores, são baixas demais. Os Witoto constituem uma ilha de grande densidade no meio de pessoas comparativamente muito raras. Os números de observadores confiáveis como Preuss e Whiffen significam que as estimativas para os povos vizinhos são muito baixas; por enquanto, tal inconsistência pode ser mantida.

No que diz respeito a Guiana, certamente os números são muito baixos. Necessitam-se números sobre o período de contato. Amostras recentes dão uma densidade de cerca de 10 por 100 km²; o número dos nativos poderia ser 50% a mais, ou superior. É uma questão discutida se a costa pantanosa tinha uma alta densidade fora do comum.

A melhor fonte para a Venezuela é Humboldt (1862) cujas observações realizadas em 1800 dão amostras de densidade de 38/100 km². A população nativa era muito maior, mas é impossível dizer quanto sem a utilização das

fontes do período de contato. A densidade poderia ter sido 45/100km².

A Colômbia também necessita de fontes antigas. A estimativa atual aceita 300.000 para os Chibcha e 700.000 – uma densidade de 184 – para o resto da Colômbia, um total de 1.000.000, embora algumas estimativas sobre os Chibcha apenas cheguem a 1.000.000. Uma estimativa confiável de 1586 dá à Colômbia o número de 715.000 (Rosenblat 1945: 77-78); 1.000.000 para todos os nativos na Colômbia parece ser razoável em comparação com o do Peru, e provavelmente não tão grande. Alguns cronistas estimam de 100.000 a 500.000 somente no vale Popayán, uma densidade de 500 a 2.500/100 km².

O número nativo nas montanhas do Equador é calculado apenas por analogia. O meio milhão da população nativa, muito parecido ao número dos índios atuais, dá uma densidade de 300 quando comparada com os 390 do Peru por 100 km². Certamente esta figura não é muito baixa; se, no Equador e no Peru, há mais índios atualmente do que durante a conquista, o número torna-se muito grande.

A América Central também necessita de estimativas baseadas nos primeiros cronistas. A atual população indígena, que em muitas áreas ou foi extinta ou muito reduzida, dá muita pouca luz sobre os números nativos. As poucas amostras mais antigas sugerem que a população era muito densa no Panamá oriental, ou seja, 300 pessoas por 100 km², que diminuía em direção ao oeste. Costa Rica, El Salvador e as montanhas ao sul da Guatemala tinham uma densidade maior (200/100 km²) do que a Nicarágua ou o norte de Honduras (40/100 km²).

O Caribe tinha uma grande população, embora seu tamanho freqüentemente tenha sido exagerado. Segui as estimativas conservadoras de Rosenblat, embora o número que ele dá para Hispaniola mostre uma densidade de 767/100 km², o dobro de qualquer outra área na América. As Antilhas Menores chegam a uma densidade acima de 500/100 km², a julgar por certas amostras. Por contraste, Cuba, que os índios Aruák compartilhavam com os Ciboney primitivos, tinha uma densidade de apenas 59/100 km².

Na Tabela 2 os dados foram retirados dos artigos do *Handbook of South American Indians*, exceto quando a fonte é indicada.

TABELA 2

Números das populações nativas e densidades das tribos da América do Sul				
Área	População	Tamanho em unidades de 100 km ²	Pessoas p/ 100 km ²	Fontes e comentários
<i>Tribos Marginais</i>				
Marginais do Sul				
Arquipélago	9.000	1.051	9	Chono, 1.000; Alakaluf, 400 após 1900; Yaghan, 3.000, 1875; Ona, 2.000, 1875-1900
Pampa – Patagônia	36.125	14.450	2.5	Várias estimativas no século XIX
Querandí	4.000	1.000	4	
Comechingón-Huarpe, etc..	52.550	3.570	15	Estimativa dos Comechingón nativos: 30.000 (Serrano 1945)
Charrua-Caracara	9.000	3.000	3	Por analogia com os Pampa
Total, Marginais do Sul	110.675	23.071		
<i>Chaco Ocidental</i>				
	186.400	4.320	29	Totais mais antigos para as principais tribos (Métraux 1946)
<i>Brasil Oriental</i>				
Bororo	16.000	1.600	10	Por analogia; as estimativas recentes parecem excessivamente baixas
Kayapó do Sul-Guató	59.000	5.900	10	Por analogia; sem dados
Kaingang	17.500	2.500	7	Amostra recente; pode ser muito baixa
Bakairi	6.000	600	10	Por analogia; sem dados
Nambikwára	22.000	1.100	20	Boas estimativas (Lévi-Strauss 1948)
Alto Xingu	10.000	1.000	10	Analogia com Nambikwára, redução conservadora; excessivamente baixos os 3.000 de von den Steinen
Jê Centrais e do Noroeste	98.000	9.800	10	Amostras recentes deram 6 a 8 por 100 km ²
Kreíé-Timbira	1.440	160	9	Por analogia com outros Jê
Timbira	22.000	2.200	10	Sem dados; por analogia
Jeicó	10.000	1.000	10	Sem dados; por analogia
Botocudo, etc..	43.500	2.900	15	Estimativas do último século dão densidade de 11 a 14 por km ²
Tapirapé	4.000	160	25	Estimativa de 1910: 1.000; redução dos Karajá em 1910 foi estimada em um quarto da original
Karajá	57.000	2.000	28	Krause estimou 100.000 para 1845; redução pela metade
Tremenbé	21.000	700	30	Sem dados; densidade foi provavelmente a metade dos Tupi da costa
Total, Brasil oriental	387.440	700		
<i>Marginais da Amazônia</i>				
Mura	30.000	1.400	21	Redução à metade da estimativa mais antiga de 60.000 habitantes nativos
Província de Mainas	42.500	1.900	22	Estimativas de missionários
Caríjona	19.400	970	20	Analogia; sem dados
Outros				Incluídos com tribos vizinhas por carência de dados
Total, Marginais da Amazônia	91.900	4.270		

TABELA 2 (cont.)

Números das populações nativas e densidades das tribos da América do Sul				
Área	População	Tamanho em unidades de 100 km²	Pessoas p/ 100 km²	Fontes e comentários
<i>Tribos da Floresta Tropical</i>				
Chaco Oriental: Abipones e vizinhos	50.250	3.350	15	Totais mais antigos das principais tribos (Métraux 1946)
Payaguá, Chané, Mbayá	30.000	900	33	Totais mais antigos (Métraux 1946)
Total do Chaco Oriental	80.250	4.250		
<i>Tupi-Guarani</i>				
Paraguai-Brasil	200.000	7.200	28	Estimativa de 300.000 Guarani mortos ou capturados na Conquista, reduzidos para 200.000; ou 30 missões com 6.000 cada em 1708
Delta do Paraná	24.000	800	30	Por comparação com os Tupi da costa
Região do Alto Rio São Francisco	49.000	4.000	10	Sem dados; analogia com a área Jê
Karirí e vizinhos	65.500	6.550	10	Sem dados; analogia com a área Jê
Tupi da costa sul do Amazonas	189.000	3.150	60	4.200 km de costa, por 75 km de profundidade. A amostra Tupinambá deu 27.000 pessoas em 45.000 km ² . Ilha do Maranhão, densidade de 906 por 100 km ² (Métraux 1948)
Tenetehara	60.800	1.520	60	Por analogia com os Tupi da costa; número desconhecido de Amanayé e Turiwára não foram computados na área
Tupi do baixo Amazonas	100.000	4.000	25	Âmbito da densidade Mawé; Amostra Mawé em 1939 deu 25 por 100 km ² . Total pode ser visto abaixo
Apiaká-Kayabi	18.000	1.600	11	Estimativa provavelmente segura de 16.000 Apiaká, 2.000 Kayabi
Mundurukú	36.200	1.800	20	Estimativa de Martius por volta de 1888, o dobro de Tocantins em 1877
Parintintin-Kagwhív	25.500	1.500	17	Por analogia com vizinhos Tupi
Total Tupi-Guarani	768.000			
<i>Rio Amazonas</i>				
Kokáma	12.000	400	30	Essas estimativas levam em conta 50 km, ambos os lados do rio
Omágua	16.000	800	20	Estimativas de missionários. Hoje, cerca de 10.000
Amazonas abaixo dos Omágua	72.000	1.800	40	Estimativas de missionários, 15.000 em 1641; 7.000, em 1681
Aruã (Marajó)	30.000	500	60	Sem dados; analogia com os Tupi da costa e com o Alto Amazonas; Carvajal notou aldeias grandes abaixo da foz do Içá
Total do Amazonas	130.000	3.500		
<i>Sudoeste da Amazônia</i>				
Juruá-Purús	139.400	7.200	17	Por analogia com vizinhos; brancos e índios atuais são cerca de 100.000
Norte do Guaporé	46.000	2.300	20	Sem dados; por analogia com os vizinhos
Sul do Rio Guaporé	72.160	1.950	36	Média de várias estimativas alcançam de 25 a 45 por km ²
Total do Sudoeste da Amazônia	257.560	11.450		

TABELA 2 (cont.)

Números das populações nativas e densidades das tribos da América do Sul				
Área	População	Tamanho em unidades de 100 km ²	Pessoas p/ 100 km ²	Fontes e comentários
<i>Bolívia Oriental</i>				
Tacanans	25.000	1.250	20	Estimativa total das missões entre 40 e 150 anos atrás: 18.000; talvez 2/3 seriam em missões
Província de Chiquitos	42.000	2.000	21	Estimativa de 23.788 em 1766, 200 anos depois do contato
Província de Mojos	6.000	400	15	Estimativa para 1680
Paresí	5.000	50	10	
Yungas	31.000	1.550	20	Estimativas são muito baixas; densidade de 20 por 100 km ² é por analogia
Chiriguano	48.000	800	60	Estimativa mais antiga razoavelmente acurada
Total da Bolívia Oriental	157.000	6.500		
<i>Tribos da Floresta Tropical (continuação)</i>				
<i>Montaña:</i>				
Ucayali-Madeira	31.740	1.800	17	Censo de 1940
Kampa	20.000	510	38	Estimativa das missões do século XVII; censo de 1940 também deu 20.000
Huallaga-Ucayali	105.070	2.765	38	Estimativas amostrais de missionários; analogia com vizinhos
Jíbaro	26.600	700	38	Stirling (1938: 28-38).
Kofán, Quijo, Kanelo	25.000	255	100	Estimativa de missionários; veja Rosenblat (1945: 77-78)
Total da Montaña	208.750	10.075		
<i>Noroeste da Amazônia</i>				
Amazonas-Rio Negro	71.250	2.500	25	Foi usada como amostra uma estimativa nativa mais conservadora
Tukanos ocidentais	16.000	800	20	Estimativa de 1635 deu densidade de 15 por 100 km ² , ajustada para 20
Witoto, etc..	67.000	1.000	67	Cf. Handbook, v. 3, estimativas são para cima, comparadas aos vizinhos
Uauapés-Caquetá	45.000	2.250	20	Total dos Tukano em 1900 é 8, 700 ou 10 pessoas por 100 km ² ; densidade nativa é provavelmente o dobro
Colômbia Oriental	70.500	3.525	20	Por analogia
Total, Noroeste da Amazônia	269.750	10.075		
<i>Guianas</i>				
Norte da Amazônia, Guianas,	213.750	14.250	15	Amostras modernas dão densidades ao redor de 10 pessoas por 100 km ² ; nativos devem ser o dobro, talvez mais
Incluindo Marginais				
Warrau	6.300	525	12	Gumilla 1791
Total das Guianas	220.050	14.775		

TABELA 2 (cont.)

Números das populações nativas e densidades das tribos da América do Sul				
Área	População	Tamanho em unidades de 100 km ²	Pessoas p/ 100 km ²	Fontes e comentários
Noroeste da América do Sul				
Motilonos e vizinhos	40.000	1.000	40	Densidade recente dos Motilonos é 25 pessoas por 100 km ²
Goajiro	31.300	113	277	Estimativa do século 20
Costa Colombiana do Pacífico	15.000	600	25	Estimativa Chocó recente deu densidade de 17 pessoas por 100 km ²
Total, Noroeste da América do Sul	86.300	1.713		
Tribos Sub-Andinas				
Venezuela, norte do Orinoco	144.000	3.200	45	Estimativa de Humboldt (1822-27) deu 38 pessoas por 100 km ² em 1800
Colômbia: Chibcha	300.000	240	1.070	Estimativa nativa
Terras Altas do resto da Colômbia	700.000	3.800	184	Tolerância de 1.000.000 para a Alta Colômbia, menos 300.000 Chibcha
Total dos Sub-Andinos	1.144.000	7.240		
Tribos Andinas				
Equador Andes meridionais: Atacameño	500.000	1.800	300	Handbook, v. 2
Atacameño	40.000	3.008	13	Salar de Atacama, 13 pessoas por 100 km ² , 1581; total em 1800, 7.400 (Boman 1908)
Diaguaita	41.000	3.160	13	Por analogia com Atacama, estimativa provavelmente muito baixa
Chiloé	50.000	90	555	Cooper, Handbook, v. 2
Total das tribos andinas	1.631.000	11.708		
Terras Altas Centrais				
Alto Perú	2.370.000	5.965	390	Handbook, v. 2
Alta Bolívia	1.170.000	3.000	390	Handbook, v. 2
Total, Andes Centrais	3.500.000	8.965		
Total da América do Sul	9.228.735	182.507		

Densidade, Cultura e Ecologia

As densidades populacionais no Mapa 1 representam aproximações de números, embora possam ter um erro de 10 a 100%. As densidades relativas são muito mais importantes para os problemas culturais, e o sentido de um erro é muito reduzido se as densidades relativas

são consideradas. Por exemplo, através de estimativas atuais, os Andes centrais tinham cerca de 150 vezes a densidade da Patagônia. Se a população da Patagônia fosse duplicada e aquela dos Andes reduzida à metade, o primeiro aproximaria a quarenta vezes a densidade do último, que ainda ficará muito importante em termos de números de popula-

TABELA 2 (cont.)

Números das populações nativas e densidades das tribos da América do Sul				
Área	População	Tamanho em unidades de 100 km ²	Pessoas p/ 100 km ²	Fontes e comentários
<i>América Central</i>				
Paramá Oriental	150.000	500	300	Densidade provável próxima dos Kuna modernos, 350 por 100 km ²
Panamá Ocidental	74.600	373	200	População do Panamá adelgaçando em direção ao Ocidente, com a densidade Chanagueña de 125 em 1709
Costa Rica	119.400	597	200	Provavelmente a mesma densidade do Paramá Ocidental
Costa oriental de Nicarágua e Honduras	180.000	1.180	100	Densidade de Mosquito agora é 55; nativa foi certamente o dobro
Costa norte de Honduras	25.000	500	50	Densidade Jicaque, 20 em 1674; densidade Paya, 50 em 1800
Terras Altas de Honduras e El Salvador	187.500	750	250	Densidade moderna dos Lenca ao redor de 190; Kroeber dá 292 para El Salvador
Total para América Central	736.500	3.900		
<i>Antilhas</i>				
Cuba	80.000	1.147	69	Rosenblat
Jamaica	40.000	115	348	Rosenblat
Bahamas	20.000	114	175	Metade da estimativa nativa
Haiti e Santo Domingo	100.000	767	555	Rosenblat
Porto Rico	50.000	90	555	Rosenblat; De Hostos (Handbook, v. 4), deu 200.000. Algumas estimativas chegaram até 600.000
Baixas Antilhas	35.000	70	500	2.000 em Saint Vicent em 1700; se 3.000 são nativos, a densidade de Saint Vicent é 750, a densidade da Dominica é 375
Total para Antilhas	225.000	2.303		

ção que pode se agregar em grupos sócio-políticos. Supondo que os presentes números são aproximadamente corretos, as densidades parecem variar significativamente entre os grupos culturais. Considerando os Andes centrais como medida padrão, estima-se que têm 44 vezes a densidade do arquipélago chileno, 14 a 40 vezes a densidade das outras tribos Marginais, 20 vezes a densidade dos povos da Floresta Tropical, e cerca de 2 vezes a densidade do Caribe, das terras altas da Colômbia, e da América Central.

Em termos ecológicos, as maiores densidades estavam nos Andes semi-áridos onde a subsistência baseava-se na agricultura intensiva, com irrigação e fertilizantes. Foi

estimado que nos Andes meio alqueire de terra cultivada era necessária para sustentar cada pessoa, em contraste à necessidade de um alqueire no México e nos Estados Unidos Oriental (Kroeber 1939: 146-147, 163) e 7/10 de alqueire em Yucatán (Ricketson e Ricketson 1937: 16-17). As outras maiores densidades estavam na área ao redor do Caribe, onde as pessoas se apoiavam nas fontes marinhas e na agricultura. A situação é comparável à costa pacífica da América do Norte que, apesar da ausência de agricultura, tinha uma das populações mais densas do continente. Ao redor do Caribe, as fontes adicionais agrícolas sustentavam muito mais pessoas do que as costas da América do Norte. As áreas da costa e dos

rios das Guianas e do Brasil eram mais raramente povoadas do que a área ao redor do Caribe, provavelmente por causa da baixa intensidade da agricultura. Tem-se a impressão de que vastas regiões de terras, potencialmente aráveis, jamais foram utilizadas e de que a população poderia ter estado se expandindo no período da conquista. Nas terras de savana, ao redor das bacias do Amazonas e do Orinoco, e na parte do Brasil oriental e do Grande Chaco, onde as raízes tropicais não podiam crescer e, onde as tribos eram caçadoras-coletoras, a população era extremamente esparsa. A densidade mais baixa estava nas planícies da Argentina que, embora bem adaptada para animais e para a agricultura de arado, não serviam para os métodos agrícolas dos índios.

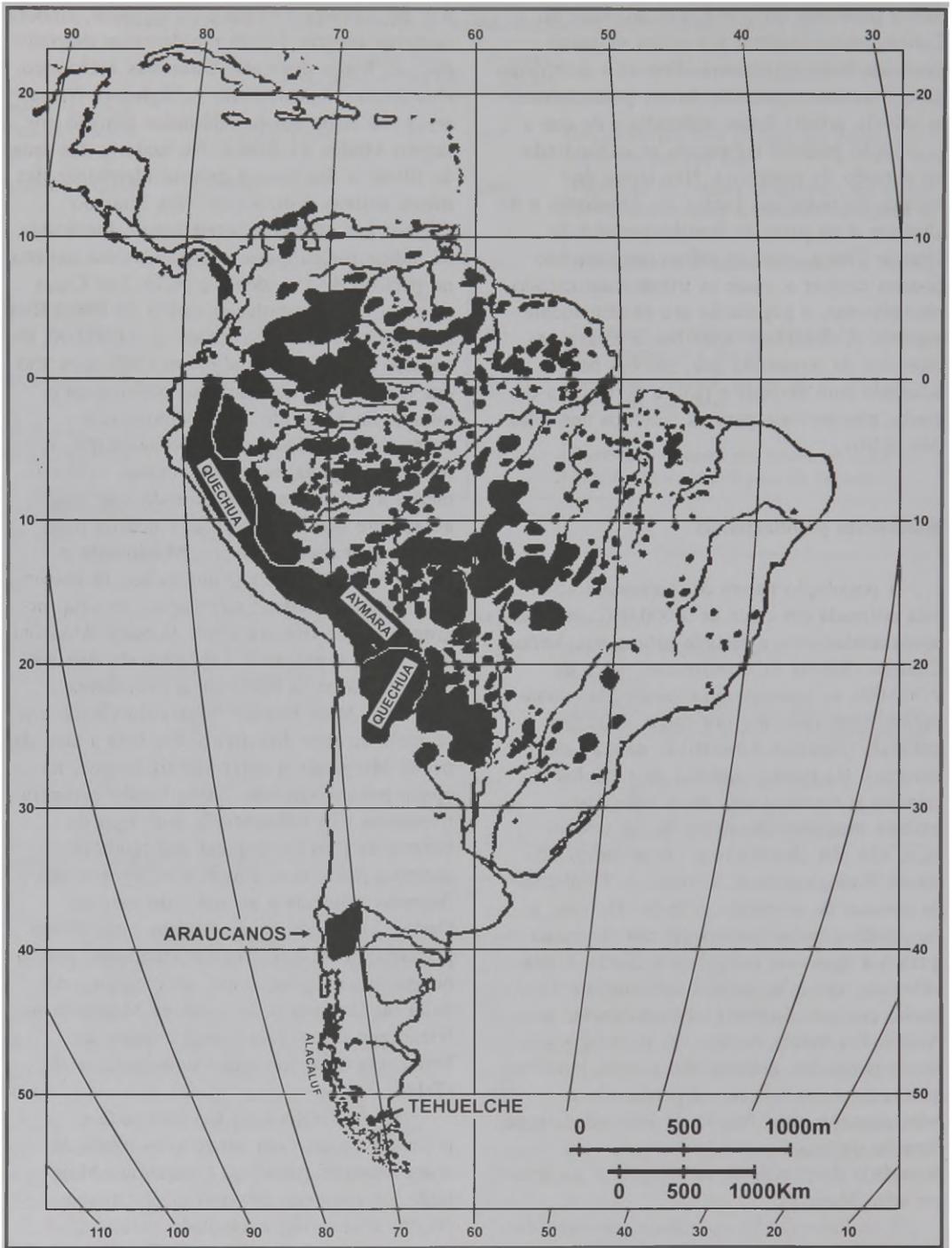
Tendências populacionais

A população nativa da América do Sul está estimada em cerca de 9.000.000, dos quais aproximadamente a metade estava nos Andes Centrais (Tabela 3). Atualmente, cerca de 7.000.000 de pessoas são classificadas como índios, especialmente por causa de razões culturais (algumas estimativas dobram este número). Há muitos milhões de caboclos, crioulos e mestiços de vários tipos que, embora predominantemente índios em sua raça, não são classificados como índios no censo. Biologicamente, há mais de 7 milhões de pessoas de ascendência índia. De fato, a raça índia é indubitavelmente tão numerosa quanto à época da conquista e, ainda, provavelmente tem feito ganhos substanciais. O ganho contudo é tributável inteiramente aos Andes. Em outros lugares, as populações foram reduzidas, embora não sempre tanto quanto o censo indique. A perda, que é primariamente uma função da intensidade e da duração do contato com o europeu e da densidade da população nativa, varia de área em área (Mapa 2).

A maior redução aconteceu ao longo do litoral e dos grandes rios para onde os europeus, tendo chegado de navio e mantendo contato com a pátria, invadiram com forças impressionantes. Os índios da costa do

Brasil, das Guianas, da Venezuela, da Colômbia, da América Central e do Equador, embora numerosíssimos, foram rapidamente derrotados; ao longo dos rios Amazonas e Orinoco, eles tiveram um declínio vertiginoso. Nestas áreas seu lugar foi parcialmente tomado por negros vindos da África. Na maioria das áreas do litoral e dos rios, a própria identidade das tribos nativas é duvidosa. Nas ilhas do Caribe, consideradas inteiramente litorâneas, os índios foram quase completamente extintos no período de um século e meio. Las Casas estimou que a população nativa de Porto Rico e da Jamaica havia diminuído de 3.000.000, um número extremamente alto, em 1509, para 200 em 1542. Como os Europeus penetraram o interior ao longo dos rios Amazonas e Orinoco, os índios foram gradualmente rendidos, alguns morrendo, outros culturalmente assimilados e misturando seu sangue ao sangue dos brancos e dos negros para formar populações mistas. Atualmente a sobrevivência principal dos índios se restringe às áreas de difícil navegação, ou seja, no grande U que fica em torno da bacia Amazônica e inclui o encontro das águas do Amazonas e Orinoco, o Nordeste do Amazonas, Montaña, Mato Grosso, partes do Chaco e a planície no leste Brasileiro. Era esta a área das tribos Marginais e semi-Marginais que, na época pré-colombiana, havia ficado comparativamente não influenciada pelo tipo de cultura da floresta tropical que também chegava pelos rios. Em outros lugares, nas florestas tropicais e ao redor do mar do Caribe, os índios sobreviventes hoje vivem principalmente nas áreas inadequadas para a ocupação européia, como os pântanos do delta do Orinoco e da costa de Mosquito na Nicarágua e nas áreas montanhosas da Venezuela ocidental e da América Central (Tabela 3).

Na Argentina e no Uruguai onde a população nativa era esparsa, as tribos da costa foram as primeiras a sucumbir. Mais tarde, os europeus entraram no interior e encontraram o lugar adaptado para sua economia. Praticamente, os índios quase desapareceram. No Chile, a história se repetiu, com a exceção dos Araucano, os quais, empurrados para o sul, mas sem se renderem,



Mapa 2

foram finalmente isolados numa reserva indígena.

Havia inúmeros fatores para tal declínio e seu funcionamento nas várias localidades produziu curvas populacionais dissimiles (veja Rosenblat 1945). As doenças européias, muito devastadoras onde havia grandes concentrações de índios, como nas missões e nas colônias forçadas, extinguiram dentro de um século ou dois algumas tribos, enquanto os vizinhos imediatos sobreviveram com certo vigor até os dias atuais. As guerras com os brancos e com as tribos que foram deslocadas pela Conquista foram desastrosas. Os índios também foram vítimas de uma ruptura na sua

vida econômica e cultural. Talvez seja prematuro dizer se medidas sanitárias e os sistemas de reservas indígenas sustarão tal declínio.

Contrastando-se às demais regiões da América do Sul, os Andes, especialmente os Andes Centrais, atualmente contêm mais índios do que no período da Conquista. À semelhança de outros lugares, a costa sofreu mais diante dos contatos com o homem branco. Mais tarde, os brancos penetraram no interior e provavelmente a população se reduziu à metade. Esta população, numerosa em seu aspecto indígena, estável culturalmente e, até certo ponto, não afetada pelas epidemias, já se recuperou e atualmente está maior e em ascensão.

TABELA 3
População Indígena da América do Sul

Localização	População Indígena em		Percentual da População
	1500	1940	Nacional (1949)
Nações Meridionais			
Chile	1.000.000	200.000	9.0
Argentina	300.000	120.000	1.0
Uruguai	20.000	Extintos	0
Total	1.320.000	410.000	
Nações Tropicais, Sub-tropicais e Circum-Caribe			
Paraguai	100.000	60.000	6.0
Brasil	1.100.000	500.000	11.0
Guianas	90.000	11.000	2.4
Venezuela	350.000	103.000	3.7
Antilhas	300.000	Extintos	0
Terras Baixas da Colômbia	350.000	105.000	5.7
Terras Altas da Colômbia	800.000	60.000	3.2
Panamá	70.000	42.000	9.0
Costa Rica	40.000	3.000	0.6
Nicarágua, Honduras e El Salvador	100.000	85.000	9.0
Total	3.300.000	969.000	
Nações das Terras Altas			
Equador	1.000.000	960.000	50.0
Peru	3.500.000	2.800.000	40.0
Bolívia	–	1.800.000	51.0
Total	4.500.000	5.560.000	
Total, América do Sul	9.120.000	6.939.000	